

CONTRIBUTOS DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DA CRITICIDADE DA CRIANÇA

CONTRIBUTIONS OF LITERATURE FOR CHILDREN TRAINING Criticality CHILD

Lidiane de Jesus Santos RIBEIRO¹

Eliziane Rocha CASTRO²

Evandro Abreu Figueredo FILHO³

RESUMO: Discute-se sobre a Literatura Infantil configurando-a como elemento basilar para a formação da criticidade da criança uma vez que a mesma possibilita a construção do conhecimento relacionado ao exercício da cidadania, numa visão política e histórica que movimenta a humanidade. Parte-se do pressuposto de que a Literatura Infantil abrange experiências que servem de ensino e aprendizagem para as crianças desenvolverem o interesse pelos princípios que constroem uma sociedade, revendo e resgatando valores que mantêm o homem no controle de suas ações e não o contrário. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica cujo resultado aponta que a utilização de Obras Literárias como recursos didáticos contribuem para o desenvolvimento da consciência crítica das crianças e desta forma caracteriza-se como uma ferramenta metodológica que contribui para possíveis mudanças na escola e para além dela.

Palavras-chave: Literatura infantil. Formação Crítica. Criança.

1 INTRODUÇÃO

¹ Licenciada em Letras pela Faculdade Atenas Maranhense – FAMA. Professora de Educação Infantil no Município de Raposa/Ma. E-mail: lidianemontoya@hotmail.com

² Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Especialista em Educação Infantil (UEMA). Licenciada em Pedagogia pelo Grupo Santa Fé-GSF. Técnica em Formação Continuada de Professores da Educação Infantil do Município de Raposa/Ma. E-mail: elizianecastro@hotmail.com

³ Mestre em Ciências da Educação pela UHLT. Professor do curso de Letras da Faculdade Atenas Maranhense – FAMA. E-mail: evandrofilhoteo@yahoo.com.br

O presente estudo surgiu da percepção de que a Literatura Infantil apresenta às crianças temas de grande importância que auxiliam na formação do pensamento crítico e da capacidade reflexiva de forma lúdica e agradável. Entende-se como criticidade a capacidade que o indivíduo tem para analisar a si mesmo e aos outros bem como analisar as circunstâncias, destacando o que é bom, o que é ruim, para onde ir e o que procurar.

As premissas iniciais dão conta de que a criticidade é o equilíbrio entre a subjetividade e a objetividade que permite ao indivíduo desenvolver as potencialidades de análise, reflexão e formulação de opiniões e juízo acerca do mundo que o cerca. Nessa perspectiva, o indivíduo crítico é capaz de analisar o seu eu, o ambiente, a realidade social e é capaz de contribuir para a transformação e melhoria da sociedade.

Sabe-se que para a formação da criticidade da criança, a leitura é fundamental porque é um instrumento indispensável por ser um meio de informação, conhecimento e integração. Ademais, a leitura é o culminar de uma série de aprendizagens no nível perceptivo, emocional, intelectual e social.

É favorecida por meio de exercícios, experiências e conhecimento do meio e permite que a criança descubra sua expressividade, suas próprias ideias, seu eu pessoal e profundo. Descobertas importantes para a vida social num mundo globalizado, cheio de inovações e desafios, onde cada indivíduo deve lidar com a integridade e os valores humanos.

Diante do exposto, advoga-se que ao ler ou ouvir histórias, a criança recebe informações sobre a história, a cultura, a ciências, informações que enriquecem seu vocabulário, enfim, desenvolvem habilidades e competências que convergem para uma prática social mais consciente, reflexiva e crítica.

Nessa perspectiva, compreende-se que as Obras Literárias são excelentes recursos didáticos para estimular a curiosidade e a imaginação das crianças, ampliam o vocabulário e promovem o desenvolvimento intelectual. Todavia, no presente estudo, foca-se a Literatura Infantil configurando-a como elemento basilar para a formação da criticidade da criança uma vez que a mesma possibilita a construção do conhecimento relacionado ao exercício da cidadania.

Parte-se do pressuposto de que a Literatura Infantil abrange experiências que servem de ensino e aprendizagem para os alunos desenvolverem o interesse pelos princípios que constroem uma sociedade, revendo e resgatando valores que mantêm o homem no controle de suas ações e não o contrário. Isso porque a criticidade implica e exige ver,

perceber e analisar questões que levam a mudanças pessoais e sociais de forma positivas, visto que as decisões tomadas criticamente são decisões conscientes e compromissadas.

Diante desse entendimento, o presente estudo apresenta os resultados obtidos durante uma pesquisa de cunho bibliográfico, numa sequência de argumentos que pontuam primeiramente a historicidade da Literatura Infantil, capítulo no qual se apresenta os desbravadores da Literatura Infantil.

Segue-se, expondo-se argumentos que versam sobre os contributos da Literatura Infantil para a formação da criticidade do indivíduo onde se toma por base os estudos de Maria (2002), Dionízio (2010), Bernardinelli e Carvalho (2011), Bettelheim (2007), Dohme (2003), Magnani (2001), Cavalcanti (2002) e Aguiar (2006), autores que consolidam a perspectiva de que Literatura Infantil é uma forma profícua de sensibilizar e despertar a consciência crítica da criança.

Perspectiva que remete à discussão acerca da importância da Literatura Infantil no contexto escolar destacando seu caráter interdisciplinar e configurando-a como um recurso didático que proporciona o confronto de ideias, suscita reflexões sobre os acontecimentos, os problemas e as possíveis soluções.

Logo após, esboça-se as considerações finais argumentando-se sobre as questões observadas e adquiridas ao longo do desenvolvimento desse estudo, com esperança de que a presente pesquisa contribua para a compreensão acerca da Literatura Infantil como base para a formação da criticidade da criança.

2 A LITERATURA INFANTIL: um pouco de história.

Século XVII, o século da consolidação da classe burguesa e da economia capitalista. Época em que a agricultura tomou forma de indústria, invertendo a relação campo-cidade, ficando o campo subordinado a cidade. Tal inversão modificou também as relações que antes eram naturais, estabelecidas pelo direito natural (hereditário) e passam a ser sociais, regidas pelo direito positivo, contratual, forçando a generalização da escola, devido a exigência da apreensão do código escrito.

Desta forma, a escola deixou de ser um privilégio exclusivo do clero e passou a ser privilégio também da burguesia que a viu como uma forma de alcançar status social e como instrumento fundamental na preparação da criança para o ingresso no mundo adulto.

Nesse período, as crianças eram consideradas como homens de tamanhos reduzidos (ARIÈS, 1981), visão que começou a ser modificada no início do Século XVIII quando Rosseau (1995) preconizou a valorização das características da infância, expandindo a concepção sobre a criança como um ser distinto do adulto, passando a ser considerada como um ser histórico e social com suas especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas. Com efeito, Cunha (1999, p.22) destaca que:

A história da literatura infantil começa a delinear-se no exercício do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passar a ser considerado um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos a receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta.

Assim sendo, pode-se dizer que o conceito de literatura infantil surgiu como consequência da reorganização da escola, que por sua vez, surgiu devido à ascensão burguesa e a nova percepção acerca da infância na sociedade. Assim defendia Rosseau (1995, p.68): “Amai a infância; favorecei suas brincadeiras, seus prazeres, seu amável instinto”. Pode-se dizer que o apelo de Rosseau (1995) foi ouvido por Charles Perrault (1628-1703) escritor e advogado francês que registrou em livro os contos que fizeram parte de sua infância e que de maneira particular agradavam também aos seus filhos.

Com esse feito, Charles Perrault (1628-1703) no ano de 1697, gerou uma obra popular inédita, *Contes de ma Mère l'Oye*, demarcando o início à literatura infantil, embora não tenha sido este o principal objetivo, haja vista que a intenção primeira de Charles Perrault (1628-1703) era entreter a corte francesa.

Descrevendo a referida obra, Coelho (2003, p.90) explica que: “[...] *Mère l'Oye* é vista como uma velha fiandeira. É sob esse aspecto, - uma velha que conta estórias, que “*Mère l'Oye*” se universalizou, adquirindo em cada região um nome diferente.” No cenário brasileiro, a obra recebeu o nome de Contos da Mamãe Gansa.

Na perspectiva de Silva (2009, p.3) “Charles Perrault trouxe a história moralizadora e mais adequada aos ambientes sociais que conviviam na época”. Isso porque ao compilar histórias da tradição oral camponesa, adaptou-as para atender ao gosto dos burgueses, suprimindo obscenidades, conteúdos incestuosos e canibalismos.

Por esse feito, Perrault é considerado como o primeiro autor a transformar a cultura popular em cultura erudita, perpetuando os contos de forma socialmente aceitável

além de documentar a cultura do povo, uma vez que permite ao leitor crítico identificar o panorama sociológico da mentalidade de uma determinada época.

Alberti (2006) cita como exemplo, o conto Chapeuzinho Vermelho, cuja versão contada à Perrault (1628-1703) difere radicalmente da versão contada por ele. Segundo Alberti (2006) na versão contada à Perrault (1628-1703) não há final feliz, termina sem caçador e a vovozinha não é retirada da barriga do lobo, mas trata-se de uma menina que vai à casa da sua avó e no caminho torna-se vítima de um lobo malvado. Detalhes que envolviam a sexualidade e a violência foram suprimidos. Além de Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, O Pequeno Polegar, dentre outros contos foram propagados a partir de Charles Perrault.

Entende-se diante dos argumentos até aqui expostos que Perrault (1628-1703) ao adaptar a tradição oral para as cortes teve a intenção de agradar os burgueses, público adulto, todavia agradou também outro público, o público infantil. Embora sua intenção principal fosse divertir, moralizar e ensinar os adultos, Perrault (1628-1703) também atingiu o público infantil, transformando sua obra em uma ferramenta pedagógica adequada às especificidades da criança.

Trilhando os caminhos literários abertos por Perrault (1628-1703), os irmãos Grimm lançaram-se pelo interior da Alemanha do século XIX, conversando e convivendo com variados grupos de pessoas para aprofundarem seus estudos linguísticos, observando atentamente a pronúncia das palavras e o contexto linguístico dos contos que escutavam e documentavam.

Em seus estudos, Coelho (2003) evidencia que a consequência das viagens realizadas pelos irmãos Grimm foi a construção de um fantástico acervo de narrativas maravilhosas que contribuíram significativamente para o estudo filológico que os motivou a viajar, mas que depois sofreram alterações tanto de ordem motivacional quanto de público, pois as posteriores obras dos irmãos Grimm foram dedicadas exclusivamente ao público infantil e atualmente fazem parte da coletânea denominada de Literatura Clássica Infantil. Cita-se: O lobo e os sete cabritinhos, João e Maria, Rapunzel, Branca de Neve dentre outras.

Ao analisar as obras dos Grimm e de Perrault, Coelho (2003, p.75) conclui que “Tanto em Grimm como em Perrault predomina a atmosfera de leveza, bom humor ou alegria que neutraliza os dramas ou medos existentes na raiz de todos os contos. Daí essa literatura entender-se tão bem com o espírito das crianças”. Não obstante, nem os Grimm, nem Perrault

detém o título de “Pai da literatura infantil mundial” (COELHO, 2003, p. 76). Esse título é conferido ao poeta e romancista dinamarquês Hans Christian Andersen, considerado pela autora e por muitos estudiosos da temática, como o verdadeiro criador da literatura infantil. São de autoria de Andersen: O Patinho Feio, A Roupa Nova do Imperador, O Soldadinho de Chumbo, etc.

Andersen foi além de Perrault e dos irmãos Grimm, pois não só reuniu e recontou histórias como também as criou nos moldes dos contos tradicionais e com um misto de poesia e melancolia fazendo “de maneira admirável, a fusão entre o pensamento mágico das origens arcaicas e o pensamento racionalista dos novos tempos.” (COELHO, 2003, p.77).

Suas obras foram escritas no século XIX, época em que a infância já era valorizada, a literatura já tinha sido transformada consideravelmente, uma vez que personagens estereotipadas cederam espaço para as aventuras e tensões subjetivas e o contraste social era observado e sentido por Andersen que num misto de ternura e realismo, não omitiu em suas obras, a violência e os temas polêmicos inerentes à vida e à sua realidade. Talvez por isso, Sosa (1982, p.133) pontue que:

A diferença entre Perrault, Grimm e Andersen estriba em que Perrault fala pela extraordinária sabedoria de sua captação e tem rara habilidade para reproduzir tom e acento de seus personagens, os irmãos Grimm as características que notamos linhas atrás, isto é, de recolher diretamente essa experiência, sem observação nem psicologia expressiva e Andersen tem essas fontes populares em sua própria alma.

Diferenças à parte é inegável as contribuições de tais autores para o campo da Literatura Infantil, pois foi devido ao esforço de Perrault, Grimm e Andersen que foi possível a descoberta do universo da imaginação, “do fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Que funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real.” (CAGNET, 1996, p.7). Foram eles, os desbravadores da Literatura Infantil que saiu da corte parisiense, que passou por viagens onde foram contadas e recontadas, que foram criadas e transformadas a partir da realidade e que enriquece, diverte e favorece o desenvolvimento da personalidade e da criticidade da criança.

No cenário brasileiro, o livro de Literatura Infantil começou a fazer parte da realidade das crianças a partir da segunda metade do século XIX quando houve a publicação dos contos de Perrault e dos irmãos Grimm. Todavia, os contos populares já se faziam presentes na vida das crianças através da oralidade, mas contrapondo-se à realidade europeia,

eles não serviram de matéria prima para a construção dos primeiros livros de Literatura Infantil publicados no contexto brasileiro.

Os contos circulavam em versão portuguesa, sendo desta forma, distante do linguajar dos brasileiros. Segundo Albino (2010, p.2) “a necessidade do abasileiramento dos textos, aumentando sua penetração junto às crianças, o início da literatura infantil brasileira fica marcado pelo transplante de temas e textos europeus adaptados à linguagem brasileira”. Tais adaptações fizeram-se necessárias, sobretudo porque o país estava se modernizando e necessita apresentar a imagem de grandioso. Necessitava mostrar aos demais países que era um país formado por cidadãos críticos, civilizados e nacionalistas.

Desta forma, a Literatura Infantil caracterizou-se como ferramenta para despertar o patriotismo, assumindo uma função ideológica conservadora, junto a outros materiais destinados às crianças, cujo teor englobava o culto cívico, o nacionalismo, o culto a língua pátria, o intelectualismo, o moralismo e a religiosidade, dessa maneira a literatura brasileira inicia neste momento uma função ideologicamente conservadora de formação patriótica das crianças (ALBINO, 2010).

Ganhou destaque na época, Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914), romancista, cronista, jornalista, poeta e um dos primeiros autores a adaptar os contos europeus para circulação no Brasil. Borelli (1996) informa que em 5 de outubro de 1894, a livraria Quaresma edita o livro *Histórias da Carochinha* do referido autor, marcando a presença da produção editorial e de um mercado de livros que levam em conta a particularidade do público leitor.

Adotando o pseudônimo Figueiredo Pimentel, o autor adaptou os contos de Charles Perrault, dos Irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen. Também reuniu narrativas populares portuguesas e brasileiras, incluindo em suas histórias, elementos da cultura indígena. São assinadas por ele, obras como: *Contos da Carochinha*, *Histórias da Avozinha*, *Histórias da Baratinha* e *Contos de Fada*. Na perspectiva de Silva (2010, p.3):

Os escritos de Figueiredo Pimentel, além de proporcionar o trabalho com imaginação, tinham um cunho socializador, trabalhava-se com exaltações à pátria, discurso também continha valores moral, de forma sistematizadora, pois era a ordem vigente da época.

Além de Figueiredo Pimentel, Carl Jansen (1829-1889) e Olavo Bilac (1865-1918) também possuem destaque em se tratando de Literatura Infantil no cenário brasileiro. Carl Jansen por traduzir clássicos como Robinson Crusoe, Viagens de Gulliver, As Aventuras do Celeberrimo Barão de Münchhausen e D. Quixote de La Mancha. Já Olavo Bilac destaca-se por suas poesias. Aos olhos de Zilberman, (2005, p. 19):

Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac são os desbravadores da literatura infantil brasileira. Praticaram, cada um ao seu modo, a lei de Lavoisier, conforme a qual nada se cria, tudo se transforma. Sem eles, talvez os livros nacionais para crianças demorassem a aparecer, mas “fê e orgulho” teremos em Monteiro Lobato, sucessor desse núcleo original, aquele que ainda hoje se lê e relê, graças ao patrimônio literário que legou.

Corroborando-se com Zilberman (2005), destaca-se a importância de Monteiro Lobato (1812 – 1948) por ser o primeiro escritor brasileiro a apostar no intelecto das crianças, valorizando a curiosidade e o poder de compreensão que elas possuem sobre determinados temas, que antes, eram vistos como exclusivos dos adultos. Com essa postura, Monteiro Lobato transformou a Literatura Infantil, anteriormente tida como ferramenta de dominação dos adultos e reprodução de determinados valores e crenças em uma fonte de reflexão, de questionamento e de criticidade.

A Menina do narizinho Arrebitado, obra publicada em 1921, marcou o campo literário brasileiro sinalizando a organização social moderna, onde a infância tem lugar especial, valorizado e respeitado. Demarcou o espaço de um público especial que exige uma literatura diferenciada da literatura dos adultos.

Monteiro Lobato (1812 – 1948) incluiu em suas obras temas coevos, instigantes e principalmente adequados para a compreensão das crianças. Com uma linguagem impregnada de simplicidade, criatividade e originalidade, valorizava a linguagem coloquial brasileira e desta forma, proporcionou um salto significativo no campo da Literatura Infantil brasileira ao abordar problemas sociais e dificuldades da época. Para Blazzio (2013, p.26):

O Sítio do Pica Pau Amarelo expressa o Brasil sonhado por Monteiro Lobato, com as possibilidades de crescimento e modernização, onde reinam a paz, a sabedoria e a liberdade. Dona Benta, sua dirigente, é culta, liberal e democrata, modelo do político idealizado por Lobato para dirigir o país. Tia Nastácia é a representante do povo, em toda sua sabedoria intuitiva e tradicional e Tio Barnabé legitima o folclore – os domínios do inconsciente coletivo.

Blazzio (2013) clarifica ainda que todas as crianças, inteligentes e independentes, são representadas por Pedrinho e Narizinho personagens principais que são livres para viver suas experiências. São crianças ávidas de conhecimentos e de aventuras que tem seus comportamentos mimetizados por Emília e pelo Visconde de Sabugosa. Outros personagens como o Saci, O marquês de Rabicó e a Cuca agradaram o público infantil tornando-se personagens definitivos que convidam as crianças para um mundo de aventuras. Sobre o mundo fantástico de Monteiro Lobato, Zimmerman (2005, p.56) pontua que:

O sítio não é apenas o cenário onde a ação pode transcorrer. Ele representa igualmente uma concepção a respeito do mundo da sociedade, bem como uma tomada de posição a propósito da criação de obras para a infância. Nessa medida, está corporificando no sítio um projeto estético envolvendo a literatura infantil e uma aspiração política brasileira.

Monteiro Lobato teve suas obras traduzidas em diversos países. Criou personagens que ainda vivem na mente de milhares de crianças e de adultos. Permitiu, através de suas obras, reflexões acerca da realidade quando nelas abordou questões sociais, econômicas e políticas, favorecendo a conscientização e a mudança de postura de forma mais crítica e reflexiva sobre a sociedade.

Monteiro Lobato fez saber o valor da Literatura Infantil, mostrou-se compromissado com o seu tempo e sua luta para um Brasil mais moderno. Tornou o ato de ler, algo prazeroso. Mostrou que a Literatura Infantil “deve propor projetos de ação e estimular a consciência reflexiva e crítica de seus leitores, a fim de que eles encontrem a sua direção e tenham capacidade para encontrar um sentido para a vida.” (COELHO, 2003, p. 237). Tomando-se por base tal perspectiva, é que se apresenta, no capítulo seguinte, os argumentos que versam sobre a Literatura Infantil e seus contributos para a criticidade da criança.

3 A LITERATURA INFANTIL COMO BASE PARA A FORMAÇÃO DA CRITICIDADE DA CRIANÇA

Entende-se que a Literatura Infantil abrange experiências que servem de ensino, aprendizagem e estímulo para o desenvolvimento do interesse e dos princípios que constroem uma sociedade. Sabiamente Maria (2002, p.44) pontua que:

Através do contato com o mundo simbolizado na literatura, a criança viaja para dentro ou para fora de si mesma, experimentando, por empatia, as sensações vividas pelas personagens e esta é uma forma de se autoconhecer e de conhecer o universo que a rodeia.

Nessa direção, percebe-se que a Literatura Infantil está além do encanto, da magia e dos sonhos provocados, pois possui também a propriedade de fazer o indivíduo conhecer sua realidade, proporcionando a descoberta do seu eu e do mundo que o cerca. A importância da literatura infantil, não reside somente no desenvolvimento da capacidade de lazer, expressão criativa e imaginação, mas também na aquisição de atitudes e valores, conhecimento do mundo, consciência e criticidade.

Nessa esteira, diz-se que a Literatura Infantil é uma forma profícua de sensibilizar e despertar a consciência crítica da criança porque oportuniza a ampliação e a transformação do pensamento, sobretudo por causa da pluralidade de ideias e interpretações advindas do contexto social de cada indivíduo.

As surpresas e os encantamentos presentes na Literatura Infantil divertem e ensinam de forma lúdica e prazerosa e contribuem para o desenvolvimento da criticidade das crianças na medida em que potencializa o poder de leitura de mundo relacionando as práticas de uso da linguagem às práticas sociais.

Bernardinelli e Carvalho (2011, p.3) destacam que a Literatura Infantil, sobretudo os contos de fadas, permitem que a criança adquira consciência de si e do mundo à sua volta devido o maniqueísmo que separa os personagens bons dos maus, os belos dos feios, os poderosos, dos fracos, etc. Essa oposição faz com que a criança compreenda valores básicos da conduta humana e do convívio social, sendo estes transmitidos por uma linguagem simbólica que permite também a formação da consciência ética.

Sabe-se que ao ouvir histórias, as crianças acrescentam fatos, interrompem o contador para acrescentar detalhes. Essa interação contribui para que a criança estabeleça a sua identidade, compreendendo melhor sua relação com os outros e com o meio. Corroborando com tal assertiva, Bettelheim (2007, p. 20) destaca que:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece tantos níveis distintos de significado e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão e diversidade das contribuições por esses contos à vida da criança.

Desse modo, entende-se que a Literatura Infantil configura-se como procedimento metodológico que contribui para possíveis mudanças na escola e para além dela uma vez que ao utilizar os contos de fadas, o educador associa as dimensões ontológicas e epistemológicas, tornando propícia a efetivação da aprendizagem significativa.

Na perspectiva de Dohme (2003) a Literatura Infantil serve de suporte de diálogo, recreação e elaboração de ideias. Desperta também a sensibilidade, aflorando o senso crítico e alfabetizando estética e intelectualmente a criança, além de favorecer a ela, a percepção ética e moral.

Nessa direção, compreende-se que por meio da Literatura Infantil, é possível trabalhar temas que possam levar a criança a desenvolver um papel fundamental no que se refere à construção de sua própria história de vida, sua identidade. Considerando-se que a arte imita a vida, a criança pode se perceber numa visão literária e fazer uma desconstrução de sua realidade a fim de alcançar possíveis realizações, baseada no conhecimento das experiências que as obras revelam.

Considerando-se também que a função social da escola é ofertar um ensino de qualidade por meio de um currículo significativo no qual sua proposta pedagógica tenha como base ampliar a percepção crítica dos alunos acerca da realidade social, política e histórica, entende-se que junto ao professor estão outros atores que desempenham funções tão importantes, quanto à docência. É nessa perspectiva que Aguiar (2006, p.253) ressalta que:

Pela vida da escola, o aluno pode contatar com outros segmentos sociais que o aproximam dos livros, e para isso, professores, supervisores, orientadores, enfim, todo o pessoal que se ocupa da educação deve estar aberto ao convívio para além das paredes da sala de aula.

Nessa direção, pode-se enfatizar que uma escola composta por atores que se preocupam com a formação crítica de seus alunos exercitam a prática da leitura e incentivam os discentes a fazer o mesmo quando usam como recurso didático as obras literárias, trabalhando-as de forma contextualizada e interdisciplinar, estimulando a imaginação e o intelecto dos alunos.

Desta forma, busca-se ampliar a perspectiva a cerca da importância da literatura infantil no contexto escolar configurando-a como elemento basilar na formação da criticidade da criança no capítulo seguinte.

4 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR

Para iniciar o presente capítulo, busca-se as palavras de Fanny Abramovich (2006, p.14) que escreve: “ Ah. Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

A citação de Fanny Abramovich (2006) acima exposta remete ao entendimento de que através da leitura descobrem-se novos mundos, novos pensamentos, fantasias, conhecimentos e ideias. Ler e escutar histórias nessa perspectiva significam claramente, ações que ampliam o conhecimento de forma grandiosa.

Desta forma, advoga-se que a Literatura Infantil e o contexto escolar devem conectar-se por inúmeros motivos, dentre os quais, destaca-se a natureza interdisciplinar. Sabe-se que o ato de ler sofre influência de estratégias cognitivas, linguísticas, metalinguísticas, enfim de vários determinantes que orbitam entre o texto e o leitor.

Percebe-se o leitor como uma pessoa mais culta, mais crítica, porque a partir do ato de ler, o sujeito amplia sua compreensão de mundo e como consequência, aprimora sua capacidade de percepção e expressão. Nessa direção, entende-se a importância da Literatura Infantil no contexto escolar. Acerca dessa ideia, Abramovich (2006, p.149) diz:

Me parece que a preocupação básica seria formar leitores porosos, inquietos, críticos, perspicazes, capazes de receber tudo o que uma boa história traz, (...) Literatura é arte, literatura é prazer... que a escola encampe esse lado. É apreciar – e isso inclui criticar... Se ler for mais uma lição de casa, a gente sabe bem no que é que dá... Cobrança nunca foi passaporte ou aval para vontade, descoberta ou para o crescimento de ninguém.

Abramovich (2006) pontua a importância da Literatura Infantil no contexto escolar e também alerta para que a mesma seja utilizada como elemento mediador do conhecimento e não como elemento obrigatório, punitivo ou coercitivo. Desta forma, entende-se que a maneira como as obras literárias estão sendo utilizadas no contexto escolar deve ser observada atentamente, pois se o foco for o alargamento dos horizontes cognitivos da criança, estas, devem ser utilizadas como instrumento cultural ou como objeto estético, artístico e de fruição ou ainda como recurso didático que gera experiência e não como mais um conteúdo que deve ser testado e avaliado.

Defende-se a utilização da Literatura Infantil na sala de aula ultrapassando-se a visão do manejo das obras literárias somente como recurso didático que auxilia no ensino das crianças, mas sim como recurso didático que proporciona outra visão da realidade, onde, pelo confronto, suscita reflexões sobre os acontecimentos, os problemas e as possíveis soluções.

Tal posicionamento surge da compreensão de que se habita um mundo complexo e plural onde constantemente os indivíduos são desafiados a acompanhar as transformações da sociedade e as diferenças culturais e econômicas. Diante de tal dinâmica e complexidade, o professor, depara-se com várias inquietações a cerca de sua prática profissional: conhecimento, procedimento e recursos devem estar em conformidade com o momento social coetâneo e devem necessariamente ser revistos e analisados à luz da teoria e da prática docente. Significa dizer que o docente deve considerar as mudanças sociais, culturais e políticas, de forma consistente, sem esquecer a sua formação científica e seu contexto de sala de aula.

Visto que as crianças já chegam à escola com inúmeras informações adquiridas pela internet, grupo de amigos, televisão etc, cabe ao professor problematizar tais informações, transformando-as em conhecimento, aprendendo e ensinando seus alunos, num processo dialético que torna a prática pedagógica um desafio, mas uma prática prazerosa.

Nessa perspectiva, Bernardinelli e Carvalho (2011) ressaltam que a evolução dos tempos e da sociedade transformou radicalmente o espaço da Literatura Infantil na escola. Atualmente, não cabe à Literatura Infantil modelar as crianças, mas sim formar sujeitos críticos mediante procedimento didático dinâmico e interativo, espaço privilegiado para o conhecimento do eu e do mundo. Desta forma, Bernardinelli e Carvalho (2011, p.4) pensam que:

O espaço escolar deve proporcionar, através da literatura infantil, “liberdade” ao aluno, entretanto, é necessário enfatizar que essa liberdade deve ser orientada, com atividades programadas em ambientes livres, na biblioteca e na sala de aula de maneira que estimule e aumente o potencial de cada aluno.

Corroborando com esta perspectiva, tem-se a percepção de que a literatura infantil como base para a formação da criticidade da criança pode ser trabalhar no contexto de sala de aula nas diferentes áreas do conhecimento, característica que na visão pedagógica recebe o nome de interdisciplinaridade. Fazenda (2009, p.18) conceitua a atitude interdisciplinar como: “a ousadia da busca, da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício do pensar,

num construir. A solidão dessa insegurança individual que vinca o pensar interdisciplinar pode transmutar-se na troca, no diálogo, no aceitar o pensamento do outro.”.

Nessa direção, entende-se que a literatura infantil atinja a interdisciplinaridade porque apresenta diferentes formas de ser explorada em sala de aula: conto, reconto, histórias, dramatizações, releituras etc, proporcionam uma gama de conhecimentos de maneira contextualizada e interdisciplinar através de procedimentos criativos que levam a criança a desenvolver sua criticidade.

Em suas obras, Monteiro Lobato deixa evidente a possível relação entre a interdisciplinaridade e a Literatura Infantil. Convém lembrar-se das obras: *Emília no país da gramática* publicada em 1934, *Aritmética da Emília* datada de 1935, *Geografia de Dona Benta* publicada em 1935. Não se deve esquecer também de *História das Invenções* publicada em 1935 e ainda, *A reforma da natureza* publicada em 1941.

Essas histórias permitem que a criança explore mundos distantes e conhecimentos complexos do seu próprio mundo. Auxiliam na aquisição simultânea do conhecer e estruturar o seu pensamento, colocando-as em contato com questões desafiadoras. Quando recontadas, a criança pode identificar elementos antes não identificados e com a repetição, vai compreendendo de forma mais global a mensagem da história, operando a capacidade de simboliza-la. Neste processo, a criança vai aprendendo o que é preciso para viver esta realidade e vai adquirindo habilidades sociais por meio das frases mágicas e da existência de seres, objetos ou mundos fantásticos. Segundo Abramovich (2006, p.17):

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

Nessa perspectiva, entende-se que a literatura não se limita a romances, pois aborda temas sociais, históricos, econômicos dentre outros inerentes às necessidades humanas. Dessa forma, advoga-se a necessidade de que os professores desenvolvam uma visão ampla acerca da Literatura Infantil para que através dela, possa despertar a criticidade das crianças ao ler uma obra, contextualizando-a com a realidade no qual está inserida a sua prática profissional.

Compreende-se, à luz dos estudos de Dohme (2003) que cabe aos professores pensar no cidadão de amanhã, contribuindo para que sejam homens e mulheres críticos,

capazes de analisar o mundo ao seu redor, avaliando o que está em consonância com seus princípios e o que não está. Na perspectiva de Magnani (2001, p.140):

Se nos professores acreditamos na força transformadora da leitura e da literatura não podemos nos omitir enquanto cidadãos educadores. Não podemos abdicar do papel histórico que nos cabe: de formarmos como leitores para interferir criticamente na formação qualitativa do gosto estético de outros leitores.

Então, compete ao professor, formar cidadãos que sejam capazes de tomar decisões levando em conta suas convicções e isso pode ser feito através da Literatura Infantil. Assim sendo, é possível perceber que algumas obras literárias refletem a vida das pessoas, seus sonhos, medos, dúvidas, as manipulações que determinam a força e o poder das classes sociais.

Desta forma, concorda-se com Cavalcanti (2002, p.12) quando o mesmo pontua que “a literatura é uma grande metáfora da vida do homem. Sendo assim, é sempre surpreendentemente, uma maneira nova de se apreender a existência e instituir novos universos”. Nesse sentido, vê-se a literatura como forma de abordar temas polêmicos, tornando-a um veículo denunciador e influenciador nos acontecimentos sociais que desnuda o homem na sua totalidade revelando suas contradições.

Nessa perspectiva, faz-se necessário que o professor ultrapasse a visão de que a utilização das obras literárias no contexto escolar serve somente de adorno para outras aprendizagens como, por exemplo, a decodificação de símbolos, reduzindo o uso da Literatura Infantil para um procedimento que somente permite que as crianças apropriem-se de elementos linguísticos. Prática tão vazia de sentido quanto utilizar as obras literárias somente como base para ensinar a gramática ou as normas de conduta. A partir de tais pressupostos, Soares (2001, p.21) adverte que:

O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.

Por isso, advoga-se que o uso da Literatura Infantil no contexto escolar deve ser por meio de práticas que possam contribuir para uma construção de conhecimento que vai

além de uma simples leitura, que permita ao indivíduo uma participação na transformação da sociedade de forma positiva e centrada. Na visão de Palo (2001, p.14):

Mais do que falar e preencher, o texto ouve e silencia, para que a voz do seu parceiro, o leitor, possa ocupar espaços e ensinar também. Redescobre-se, então, o verdadeiro sentido de uma ação pedagógica que é mais do que ensinar o pouco que se sabe, estar de prontidão para aprender a vastidão daquilo que não se sabe. A arte literária é um dos caminhos para esse aprendizado.

Depreende-se então que a arte literária, mas precisamente a Literatura Infantil é um dos caminhos para o aprendizado e desenvolvimento da criticidade porque apresenta ao leitor temas de grande importância que ajudam a formar o seu pensamento crítico e sua capacidade reflexiva: morte, tempo, religião, amizade, autoestima, o valor das coisas simples, tudo isso é abordado de forma agradável permitindo uma maior aproximação do leitor e do texto.

Nesse sentido, a importância da Literatura Infantil no contexto escolar reside no fato de que ao ouvir e ler uma história infantil, a criança entra em contato com uma riqueza de informações sobre história, cultura e ciências, enriquecem o vocabulário, a criatividade e a imaginação. Portanto, deve-se resgatar a herança de mitos, lendas, fábulas e contos infantis por ser um legado valioso para a formação da identidade cultural, social e pessoal.

Em se tratando da ampliação do vocabulário a partir da Literatura Infantil, verifica-se que esta se dá devido o uso de metáforas, metonímia, construções sintáticas, o que intensifica a expressão oral e escrita. Nesse sentido, a Literatura Infantil enquanto recurso didático apresenta à criança palavras, ritmos, símbolos, que auxiliam na maturação das habilidades motoras, auxiliam na construção da personalidade e estrutura a memória.

Ademais, está presente na Literatura Infantil o jogo de palavras que exige agudeza de pensamento e por isso, acredita-se que sua utilização no contexto escolar ajuda a manter a mente mais ativa na medida em que os jogos de palavras vão se aperfeiçoando cada vez mais com qualidade. Em defesa do uso da Literatura no contexto escolar, Abramovich (2006, p. 143) ressalta que:

Ao ler uma história a criança, também desenvolve todo potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, dividir, perguntar, questionar [...] Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião [...] E isso não sendo feito uma vez ao ano[...] Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo.

A Literatura Infantil desnuda sentimentos e emoções que vão além da tristeza, raiva ou alegria por isso as obras literárias são ferramentas para ensinar, aprender e reconhecer as emoções, como um guia para desenvolver e interpretar as sensações. Portanto, as obras literárias são recursos didáticos importantes para trabalhar a inteligência emocional, fundamental para o desenvolvimento afetivo e para o desenvolvimento da criticidade da criança visto que a afetividade “é o ingrediente que possibilita a passagem da ingenuidade para a criticidade. Em outras palavras, a criticidade brota também do amor profundo que me mobiliza pelo outro e pela vida” (FREIRE, 1996, p.64).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conhecimentos adquiridos e ampliados a partir da presente pesquisa, permitiu a visão de que a criança é um ser social e seu desenvolvimento exige cuidados especiais, pelo simples fato de ver o mundo de forma diferente, por ter um olhar encantador e trazer na sua essência a ingenuidade. É necessário despertar na criança a criticidade para que a mesma o sentido da vida.

Compreendeu-se que ao longo dos séculos, relatos folclóricos, lendas populares e mitos serviram de inspiração para o homem construir sua própria história, como uma espécie de herança ou base para as gerações futuras seguirem com o seu legado. Depreendeu-se das leituras, que o homem era seduzido pelo sobrenatural, pelos mistérios da vida, como se necessitasse de algo que o levasse a outra dimensão em que pudesse tocar os problemas com as próprias mãos, moldá-los ou torná-los inexistentes, como num passe de mágica e assim, preparar-se para seguir no mundo real de maneira harmoniosa e sábia, transformando-o.

Este estudo proporcionou ainda o conhecimento de que os clássicos foram adotados no meio familiar e escolar a fim de possibilitar à criança a construção do seu próprio conhecimento e fazê-la perceber o seu mundo real de forma natural e sem traumas. Percebeu-se que os contos sempre trazem a moral da história, uma lição a ser aprendida, valores que devem ser conservados, tipos de conduta que deve ser adotada diante de situações difíceis ou traumáticas.

Notou-se que a Literatura Infantil passou por transformações, algumas alterações, até se tornaram histórias acessíveis para o mundo infantil, como Chapeuzinho Vermelho, O Patinho Feio, além de outros clássicos que caíram no gosto infantil e que as crianças não se

cansam de ouvir, fato que sinaliza que a repetição das histórias para a criança é sempre prazerosa, como se percebessem algo diferente, como se descobrissem caminhos diferentes de estar no conto, como se pudessem ser o a personagem ou alguém que corajosamente irá salvá-la do perigo ou pudesse salvar a si mesma.

Descobriu-se que essa magia que advém da Literatura Infantil, teve origem no século XVII, com o francês Charles Perrault, grande idealizador das histórias tradicionais, que utilizou nos seus contos uma linguagem simples, transformando a literatura num caminho que permite que as verdades escondidas e manipuladas penetrem na mente das pessoas.

Por esse estudo, percebeu-se que Perrault demonstrava certa preocupação com os elementos que iam surgindo na sociedade e se integrando a ela, de forma natural, como se não apresentassem perigo algum aos propósitos de constituir uma vida baseada nos bons costumes. Através de seus contos, o autor assume a responsabilidade de denunciar as questões que podem defraudar o equilíbrio do bom relacionamento no meio social, nas questões políticas, de cunho familiar e seus princípios morais.

Nesse sentido, a leitura pode possibilitar ao sujeito uma compreensão do seu passado, o que muitas obras literárias costumam trazer à tona, considerando que o homem constrói sua existência relacionando-se sempre com o passado, permitindo-lhe meios de antecipar um futuro melhor ou de evitar repetir erros que desconstruíram a harmonia social.

Dessa forma, aposta-se na influência da literatura Infantil em relação à maturação do pensamento crítico da criança e enquanto recurso didático, por permitir uma forma diversificada de trabalhar pensamentos e comportamentos, considerando o que cada indivíduo trás na sua história de vida valores sociais diferenciados, mas que não os impedem de ocuparem os mesmos lugares.

Nesse acervo de opiniões, existem as particularidades de cada um, um olhar diferente, uma interpretação contrária. Essas múltiplas diferenças desafiam os professores, que devem ter uma soma de sabedoria para trabalhar as Obras Literárias no contexto escolar como uma obra que possa transmitir o espírito que recria valores sociais de forma crítica e reflexiva.

Por fim, acrescenta-se que a presente pesquisa admite perspectivas alternativas e com isso não pretende esgotar o assunto, ao contrário, suscitar novas pesquisas relacionadas à temática, com propósito de acrescentar, contestar ou corroborar com os argumentos aqui expostos.

ABSTRACT: It discusses about the Children's Literature setting it as the core element for the formation of the criticality of the individual since it enables the construction of knowledge related to the exercise of citizenship, a political and historical insight that moves humanity. This is on the assumption that the Children's Literature covers experiences that serve the teaching and learning for students to develop interest in the principles that build a company, reviewing and redeeming values that keep the man in control of his actions and not the opposite. It is a literature whose result shows that the use of Literary and teaching resources contribute to the development of critical consciousness of individuals and thus characterized as a methodological procedure that contributes to possible changes in school and beyond.

Keywords: Children's literature. Critical training. Child.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, Aracy. A. M.; BRANDÃO, Heliana. M.B.; MACHADO, Maria. Z. V. (Org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2.ed. Belo Horizonte: autêntica, 2006. p. 235-254
- ALBERTI, Patrícia Bastian. **Contos de fadas tradicionais e renovados: uma perspectiva analítica**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, 2006. Disponível em: http://tede.ucs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=329. Acesso em: 15/11/2013.
- ALBINO, Lia Cupertino Duarte. **A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino**. 2010. Disponível em: www.litteratu.com.br/literatura_infantil.pdf Acesso em: 21/10/2013.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- BERNARDINELLI, Laura Lima. CARVALHO, Vanderleia Macena Gonçalves de. **A importância da Literatura Infantil**. 2011. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/simposio2011/publicado/artigo0132.pdf>. Acesso em: 15/11/2013.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Edição. 16ª. Editora Paz e Terra, 2007.
- BLAZZIO, Beatriz Rafante Mendes. **Dimensão Simbólica em o sofá estampado, de Lygia Bojunga**. 2013. Disponível em:

http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/3888/1/MON%20LET%20BEATRIZ%20%2028.JUN.13_FINAL_corrigeida.pdf. Acesso em: 15/11/2013.

BORELLI, Sílvia Helena Simões. **Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil**. São Paulo: Educ; Estação Liberdade, 1996.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação**. São Paulo: Paulus, 2002.

CAGNET, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2003. Série Princípios.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: pais: um guia para os pais contarem histórias para seus filhos**. São Paulo: Informal, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Lindamar Maria de. **A Literatura Infantil nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental: novos horizontes**. 2009. Disponível em: http://www.catolicaonline.com.br/semanapedagogia/trabalhos_completos/A%20LITERATURA%20INFANTIL%20NAS%20S%C3%89RIES%20INICIAIS%20DO%20ENSINO%20FUNDAMENTAL-%20NOVOS%20HORIZONTES.pdf. Acesso em: 16/11/2013.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola/ -2 ed.** - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARIA, Luzia de. **Leitura e colheita: livros, leitura e formação de leitores**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil -Voz de Criança**. São Paulo: Ática, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, 1712-1778. **Emílio ou Da Educação**. Tradução: Roberto Leal Ferreira; introdução de Michel Launey; [revisão da tradução Mônica Stahell]. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, Aline Luiza da. **Trajectoria da Literatura infantil: da origem Histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade**. Disponível em: <http://revista.univem.edu.br/index.php/REGRAD/article/viewFile/234/239>. 2009. Acessado em 04/11/2013

SILVA, Fernanda Rachel Camargo da. **Literatura infantil no Brasil – Figueiredo Pimentel**. 2010. Disponível em: http://www.joped.uepg.br/2010/anais/oral/20028_2_FINAL.pdf. Acesso em: 03/11/2013.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 17-48.

SOSA, Jesualdo. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1982.

ZILBERMAN, Regina. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.